



## ENLACE LUSO-BRASILEIRO EM MANUEL BANDEIRA

*Cleonice Berardinelli*

Num texto que busca ressaltar a ligação funda e permanente de Manuel Bandeira – poeta e prosador – com a literatura portuguesa, parto de um poema de título sugestivo, quase explicativo: *Portugal, meu avozinho*, incluído no volume *Mafuá do Malungo*, que tem uma bonita história. Deixo falar o autor:

*Nesse mesmo ano de 48 publiquei em livro sob o título de Mafuá do Malungo os meus versos de circunstância. “O poeta se diverte” comentou Carlos Drummond de Andrade, traduzindo um verso de Verlaine. E era isso mesmo. Já contei que os meus primeiros versos datam dos dez anos e foram versos de circunstância. Até os quinze não versejei senão para me divertir, para caçoar. Então vieram as paixões da puberdade e a poesia me servia de desabafo. Ainda circunstância. Depois chegou a doença. Ainda circunstância e desabafo. Fiz algumas tentativas de escrever poesia sem apoio nas circunstâncias. Todas malogradas. Sou poeta de circunstância e desabafos, pensei comigo. Foi por isso que, embora se dê comumente o nome de versos de circunstância aos do tipo do Mafuá do Malungo, preferi não intitulá-los Versos de circunstância, como tive idéia a princípio. “Mafuá” toda a gente sabe que é o nome por que são conhecidas as feiras populares de divertimentos; “malungo,” africanismo, significa “companheiro, camarada.” Uma boa parte do livro são versos inspirados em nomes de amigos. (IP, 127)<sup>1</sup>*

Manuel refere-se à frase de Drummond a propósito desse livro: *O poeta se diverte*, em crônica do poeta mineiro, publicada em julho de 1948 no *Correio da Manhã*, onde se lê:

*Um livro que, ao sair, já é raridade, nos vem de Espanha. Apenas cento e dez exemplares. Folhas desencadernadas, em papel de linho. Composição e impressão manuais, como ao tempo da boa arte tipográfica. Dois poetas o fizeram: um que o escreveu, outro que o projetou, compôs e imprimiu. Tenho-me referido ao Mafuá do Malungo, de Manuel Bandeira, saído da oficina particular de João Cabral de Melo Neto, em Barcelona. (PP, I, 449)*

E Drummond se estende, louvando os primores dos volumes saídos da oficina de Cabral e acrescentando: “Ah, pernambucanos! Tenho por eles uma admiração estupefata. Dessa província do nordeste nos vem a poesia menos nordestina possível.” Louva os dois – editor e editado – e mais Joaquim Cardoso, dizendo que nos três “A terra natal fica sendo ponto de partida para uma viagem aos países da geografia interior. Assim são os pernambucanos.”

Veja-se se não é esta uma bonita história. Três grandes poetas, os maiores àquela altura, revelando sua admiração mútua, expressa materialmente, no caso de João Cabral, pela impressão requintada dos poemas do mais velho dos três pelo mais novo. Por sua vez, Bandeira os fixa em verso, no próprio *Mafuá*, ofertando-o a João Cabral, neste quarteto impecável:

*A João Cabral de Melo Neto,  
Impressor deste livro e magro  
Poeta, como eu gosto, arquiteto,  
Ofereço, dedico e consagro. (PP, I, 447);*

no mesmo *Mafuá* em que também Drummond tem o seu lugar:

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

*O sentimento do mundo  
É amargo, ó meu poeta irmão!  
Se eu me chamasse Raimundo!...  
Não, não era solução.  
Para dizer a verdade,  
O nome que invejo a fundo  
É Carlos Drummond de Andrade. (PP, I, 469)*

Para que fique mais clara a minha escolha do poema tomado como ponto de partida, a ele retorno, já agora transcrevendo-o:

PORTUGAL, MEU AVOZINHO

*Como foi que temperaste,  
Portugal, meu avozinho,  
Esse gosto misturado  
De saudade e de carinho?*

*Esse gosto misturado  
De pele branca e trigueira,  
– Gosto de África e de Europa,  
Que é o da gente brasileira.*

*Gosto de samba e de fado,  
Portugal, meu avozinho.  
Ai, Portugal, que ensinaste  
Ao Brasil o teu carinho!*

*Tu de um lado, e do outro lado  
Nós... No meio o mar profundo...  
Mas, por mais fundo que seja,  
Somos os dois um só mundo.*

*Grande mundo de ternura,  
Feito de três continentes...  
Ai, mundo de Portugal,  
Gente mãe de tantas gentes!*

*Ai, Portugal, de Camões,  
Do bom trigo e do bom vinho,  
Que nos deste, ai avozinho,  
Este gosto misturado,  
Que é saudade e que é carinho? (PP, I, 550)*

Ao olhar para a árvore genealógica da família Carneiro de Sousa Bandeira, onde os sobrenomes só muito excepcionalmente, e em linha lateral, não são portugueses, vemos que Bandeira tem pleno direito a declarar-se neto deste avô afetuosamente diminutivo. O percurso do gracioso poema se anuncia no primeiro quarteto por um questionamento do neto ao avozinho:

como terá sido possível temperar este gosto de saudade e de carinho? Há uma dualidade inicial – avô e neto – e uma dualidade de sentimentos – saudade e carinho – que se resolve pela mistura gostosamente temperada pelo avô. E o jogo dual continua: “pele branca e trigueira,” “gosto de África e de Europa,” “gosto de samba e de fado” e, parecendo mais separar que unir, “Tu de um lado, e do outro lado / Nós... No meio um mar profundo...” Separar? não!, pois, “por mais fundo que seja, / Somos os dois um só mundo.” Já não apenas dois, mas três: “Grande mundo de ternura / Feito de três continentes...” O segredo está na mistura temperada pelo avozinho com os delicados condimentos que abrem e fecham o poema: a saudade e o carinho.

É com estes dois sentimentos que venho evocar Manuel Bandeira, recuperando aqui e agora o tom que usei em 1986, ao participar das homenagens ao centenário do Poeta, e que por certo lhe agradaria, a ele, sempre espontâneo em sua fala predominantemente coloquial. A ele me dirijo, como em outro tempo, a interpelá-lo, a chamar-lhe simplesmente “Manuel.” Ele me responderá – e a todos que me lerem – pela voz do seu texto que me permitirei glosar aqui e ali.

Manuel:

Numa crônica escrita no dia 17 de julho de 1943, você falava em centenários:

*A celebração dos centenários é hoje um gosto tão vivo que até parece mania. Raro se abre o jornal pela manhã que não se leia notícia de um: centenário disto, centenário daquilo, centenário de nascimento de Fulano (do nascimento ou da morte ou da primeira camisa que vestiu, etc.).*

*Pois vou aproveitar a vaza e celebrar sozinho, eu também, um centenário, o das Viagens na Minha Terra. (PP, II, 313)<sup>2</sup>*

Não me recordo se esta data especial foi comemorada por muita gente, mas você dela se lembrou com especial carinho:

*Faz cem anos hoje, dia por dia, que às 6 horas da manhã de uma segunda-feira “dia sem nota e de boa estrela,” o imortal autor do Fr. Luís de Sousa saiu de casa e se dirigiu ao Terreiro do Paço para tomar o barco que o deveria levar a Santarém.*

*[...] Os críticos já têm assinalado a importância desse livrinho em que encontramos aquelas delícias das coisas imperfeitas de que falou o Eça. (Ib.)*

Ao citar o Eça, parece que você concorda com ele, encontrando também no Garrett “aquelas delícias das coisas imperfeitas.” E eu o questiono mais uma vez:

– Imperfeito o livro do divino? – E você, com o seu típico riso docemente irônico, justifica-se:

*As falhas de composição estão sobretudo nos excessos destrambelhadamente românticos de certas passagens do romance, no caráter, melodramático até ao ridículo, do Frei Dinis. Tudo isto tão destoante dentro do tom leve, deslizante, superiormente irônico, discretamente realista das páginas de crônica.* (PP, II, 314-315)

– Concordo, Manuel: Garrett, apesar do seu “tom leve,” deslizante, superiormente irônico, discretamente realista das páginas de crônica,” não pôde “fugir à pressão do seu tempo!” Veja que lhe respondo com suas palavras. Mas você continua:

*Garrett nunca se desembaraçou totalmente do fundo clássico de sua formação, e ele repona aqui em muitas páginas, nas citações gostosas de Horácio, nos sarcasmos que atira aos românticos da poesia e sobretudo do teatro contemporâneo de Portugal. Chega mesmo a dizer: “Romântico, Deus me livre de o ser – ao menos, o que na algarvia de hoje se entende por essa palavra.”* (PP, II, 315)

– Concordo, feliz, com suas observações sobre a novidade da prosa garrettiana que

*[...] terá influído muitíssimo com as Viagens na maneira de Machado de Assis a partir de Brás Cubas. Não sei, mas acho que o nosso romancista terá chegado a Sterne, via Garrett. [...] Estou convencido que não há necessidade de ir ao Sterne para explicar a mudança brusca de estilo no Machado de Assis por volta de 42. Ele pode ter saído de Garrett. Mas o mestre brasileiro conseguiu despojar-se completamente da farandulagem romântica em que o português ficou embaraçado.* (PP, II, 316)

– De acordo mais uma vez. E sei que foi Garrett, dos autores portugueses, um dos que você mais leu e amou, um dos que mais contribuíram para a fluência, elegância e correção do seu estilo. Mas houve muitos outros, desde os muito antigos. Como você mesmo disse:

*... no português que falo e escrevo hoje, mesmo quando me utilizo de formas brasileiras, aparentemente mais rebeldes à tradição clássica, eu sinto as raízes profundas que vão mergulhar nos cancioneiros.*

Cito-o a celebrar um centenário de Garrett, quando o estou celebrando no seu, e assim ficamos unidos, o Poeta e sua velha amiga, na celebração de centenários.

Ao longo de seus textos em prosa apontam a cada momento poetas, ficcionistas e pensadores de Portugal: dos cancioneiros ficou-lhe mais nítido um nome – D. Dinis; do séc. XVI, Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, João de Barros, Heitor Pinto, Francisco de Moraes (os dois últimos parcamente citados) e Camões que lhe acode à memória com frequência.

A Gil Vicente refere-se com extremo carinho a propósito de uma representação de estudantes idealizada e tornada realidade por Thiers Martins Moreira, catedrático de Literatura Portuguesa na Faculdade Nacional de Filosofia (atual Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro), no já longínquo ano de 1942. Representávamos o *Auto da Alma*, o *Monólogo do Vaqueiro* e a cena central do *Auto de Mofina Mendes*. Você se emocionou e escreveu em sua crônica semanal no jornal *A manhã*:

*O Auto da Alma, para mim a obra-prima do teatro hierático de Gil Vicente, com o seu perfeito equilíbrio dos planos de ação, o humano e o divino, a sua simbologia poética a um tempo ingênua e sublime, a sua formosura de expressão lingüística e métrica, foi levado no texto restituído pelo professor Sousa da Silveira. Tenho lido e meditado muitas vezes o Auto da Alma: nunca senti embotada a ponta delicada da estética emoção que a cada verso me vai direita ao coração, todas as vezes que o leio. Pois, apesar disso, fiquei surpreendido, deliciosamente surpreendido, quando senti os olhos umedecidos ao ouvir as primeiras palavras do Anjo Custódio [...]*

*Esse momento de comocção, dos mais puros que tive em minha experiência artística, não o esquecerei nunca: senti que o velho Gil ainda era maior, muito maior do que eu pensava... (AA, 122)<sup>3</sup>*

A presença de Sá de Miranda não é tão explícita ao leitor menos avisado: fica camuflada em versos seus, onde o jogo intertextual parece ter passado despercebido do prefaciador do volume *Opus 10*, em que se insere o seu poema, escrito a partir do mais conhecido dos sonetos mirandinos, de que lembrarei apenas os quartetos. É pena que não nos ouça o prefaciador que talvez já não lamentasse que “o Sr. Manuel Bandeira [que] é, agora, um poeta das coisas simples da vida,” volte formalmente “a alguns momentos

de vinte e dois, que alguns exigentes rapazes da geração de 45 preferiam, talvez, chamar de cacoetes, como no início da 'Elegia de Verão.'" Acredito que se referia ao "mudaves" que você foi buscar ao "homem de um só parecer." Ouçamos-lhe os quartetos:

*O sol é grande. Caem coa calma as aves  
Do tempo em tal sazão que sói ser fria.  
Esta água que d'alto cai acordar-me-ia  
Do sono não, mas de cuidados graves.*

*Oh cousas todas vãs, todas mudaves,  
Qual é o coração que em vós confia?  
Passam os tempos, vai dia trás dia,  
Incertos muito mais que ò vento as naves. (PSM, 81)<sup>4</sup>*

Meu caro Manuel: ao iniciar a sua *Elegia de verão*, de um verão carioca, veio-lhe, naturalmente, a idéia do sol, numa "sazão que sói ser quente." Do fundo da memória lhe chegou, porém, um outro sol, também grande, que estranhamente o era numa "sazão que sói ser fria." A anacronia gera o estranhamento que se reflete na mudança do metro – do decassílabo às redondilhas maior e menor – e no tom não mais solene, mas coloquial, meio brincalhão, da primeira quintilha:

*O sol é grande. Ó coisas  
Todas vãs, todas mudaves!  
(Como esse "mudaves"  
Que hoje é "mudáveis"  
E já não rima com "aves."*

As aves que caem com a calma, você as substitui pelas cigarras que zinem "como se fossem as mesmas / Que eu ouvi menino." Lembrar o menino que foi, e dizê-lo, traz-lhe a saudade dos "verões de antigamente" e volta-lhe, como tantas vezes, o desejo de recuperar a infância, o menino que você nunca deixou de trazer em si, já agora em versos livres, entremeados de decassílabos:

*O sol é grande. Mas, ó cigarras que zinis,  
Não sois as mesmas que eu ouvi menino.  
Sois outras, não me interessais.*

*Dêem-me as cigarras que eu ouvi menino. (PP, I, 387)*

Camões, o poeta que lhe vem mais vezes à mente, aproximou-nos ainda mais nos anos 60. Lembra-se? Você era muito amigo do Murilo Miranda, a quem me apresentou. (É preciso que eu dê agora um esclarecimento aos que me ouvem. Havia – e ainda há, felizmente – no Rio de Janeiro, uma estação de rádio ligada ao Ministério da Educação, que transmitia excelentes programas musicais intercalados com outros falados, versando sobre assuntos vários, mas mais macissamente sobre literatura. De todos, o que mais me agradava era o que abordava a obra de Dante, centrada na *Divina Comédia*. Anunciava-se outro, sobre Shakespeare. Regozijei-me, mas me perguntei: por que não Camões? E, lembrando-me de que Manuel era muito amigo do diretor da rádio, Murilo Miranda, fiz-lhe a pergunta que me fizera. Por que a PRA2 não transmitia um programa sobre o maior poeta da língua? Dado o esclarecimento, volto a falar ao meu amigo.) Sua resposta foi interrogativa: “Você o faria?” Não hesitei: “Claro!” E fomos falar com Murilo que acolheu a idéia com entusiasmo. Como se chamaria o programa? Você o batizou lindamente: “Camões, poeta de todos os tempos.” Fizemos juntos a primeira gravação: era uma espécie de entrevista, em que você fazia as perguntas e eu lhe respondia. Como se isso não bastasse, você ainda escreveu uma crônica muito bonita, publicada mais tarde, juntamente com outras, no volume que intitulou *Colóquio Unilateralmente Sentimental*.

Você foi muito generoso, Manuel. Além de resumir a minha biografia universitária (mestres, cursos), você lembrou a minha mini-antologia de poesia trovadoresca transposta para português moderno. Transcreveu mesmo uma cantiga de amor de D. Dinis, dizendo que “seria um desastre se nela não estivesse presente a mão de um poeta, perfeito conhecedor da língua.” Daí em diante, passou a chamar-me “Cleonice poeta,” escrevendo o mesmo em uma das muitas dedicatórias com que me ofereceu seus livros, até o dia em que o consegui convencer de que seria uma boa tradutora de poesia, mas não um poeta. Lembra-se? Foi a única vez em que o vi zangado comigo, mas um pouquinho só.

O curioso é que nessa crônica você põe o acento no Camões lírico. Convocando os ouvintes da Rádio para o novo programa “inaugurado a semana passada,” sobre Camões épico e Camões lírico, continua: “Ainda bem que Cleonice decidiu começar pelo lírico,,” recordando a persistência dos professores dos cursos secundários em “massacrar os meninos com a análise lógica das estrofes mais difíceis dos *Lusíadas*.” Por isso, alegrava-se com a minha decisão:

*Assim, vamos ter primeiro o Camões das canções, das églogas, das elegias, das glosas, dos sonetos. Já estou de antemão saboreando a versão cleonicianiana de Sôbolos rios que vão, essas maravilhosas quintilhas [...] (CUS, 42)<sup>5</sup>*



Você me pergunta por que disse que era curioso que você privilegiasse o lírico na crônica sobre o “nosso” programa e eu lhe respondo. Porque, quando dedicou ao Poeta um soneto, nele caracterizou e distinguiu o épico. É possível que o maior entusiasmo por este se tenha situado na sua mocidade, pois o poema, não datado, está em *A Cinza das Horas*, publicado em 1917. Depois você passaria a sentir mais freqüente e intensa a presença do lírico, cujos versos lhe acorreriam em constante profusão. E foi, sem dúvida, um belo soneto este que intitulou “A Camões.”

*Quando n’alma pesar de tua raça  
A névoa da apagada e vil tristeza,  
Busque ela sempre a glória que não passa,  
Em teu poema de heroísmo e de beleza.*

*Gênio purificado na desgraça,  
Tu resumiste em ti toda a grandeza:  
Poeta e soldado... Em ti brilhou sem jaça  
O amor da grande pátria portuguesa.*

*E enquanto o fero canto ecoar na mente  
Da estirpe que em perigos sublimados  
Plantou a cruz em cada continente,*

*Não morrerá sem poetas nem soldados  
A língua em que cantaste rudemente  
As armas e os barões assinalados. (PP, I,11)*

Nestes catorze versos parnasianamente corretos e repassados de emoção ecoam *Os Lusíadas*, desde “a apagada e vil tristeza” do segundo verso ao fecho de ouro d’ “As armas e os barões assinalados,” sintagmas emblemáticos do poema, passando por vocábulos de lá tirados – “fero,” “sublimado” – e pelo sintagma – “poeta e soldado” – que resume o belo verso em que o épico se define: “Nu’a mão sempre a espada, e noutra a pena.” Teria talvez interesse observar que, enquanto *Os Lusíadas* se abrem por “As armas e os barões assinalados” e quase ao fim apontam para a “apagada e vil tristeza” em que está a pátria mergulhada, acentuando a linha descendente que traçam os seus versos, o seu soneto segue caminho contrário: parte do momento que virá, de desalento, de pesar pela glória que passou, para chegar ao momento inicial do poema, quando se anuncia o canto que a perpetuará, numa reafirmação de

que, mesmo que se percam as façanhas heróicas, nunca se perderá a língua que as cantou. E, pois, o canto que nesta língua foi moldado.

Embora num poema que se tornou célebre, “Os Sapos,” publicado no seu primeiro livro modernista, *Carnaval*, você ponha em ridículo os poetas parnasianos, encontram-se em suas páginas louvores a alguns dos nossos melhores poetas dessa escola, tais como Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correa, Vicente de Carvalho, fazendo justiça ao que eles produziram de melhor. “Os Sapos” criticam os cacoetes da escola, tais como a obsessão na busca de rimas, não só raras, mas opulentas, o horror ao hiato intervocabular, e até a necessidade de consoantes de apoio para que a rima possa ser aceita. Valerá a pena citar estes versos irreverentes e saborosos em que você se ri à custa deles:

*O sapo tanoeiro,  
Parnasiano aguado,  
Diz: – Meu cancionero  
É bem martelado.*

*Vede como primo  
Em comer os hiatos!  
Que arte! E nunca rimo  
Os termos cognatos.*

*O meu verso é bom  
Frumento sem joio.  
Faço rimas com  
Consoantes de apoio. (PP, I, 86)*

Estará você perguntando-se a que vieram aqui os sapos? Não o creio. Sabe bem que para cá os trouxe por causa dos hiatos comidos, aqueles hiatos que encontra, expressivos, em Camões, como já os encontrara, usados como regra geral, na poesia trovadoresca que conhecia muito bem; você mesmo o confessa:

*O “Cantar de Amor” foi fruto de meses de leitura dos cancioneros. Li tanto e tão seguidamente aquelas deliciosas cantigas, que fiquei com a cabeça cheia de “velidas” e “mya senhor” e “nula ren;” sonhava com as ondas do mar de Vigo e com romarias a San Servando. O único jeito de me livrar da obsessão era fazer uma cantiga (a obsessão era sintoma de poema em estado larvar). (IP, 114)*

E você escreveu o “Cantar de Amor”, em cuja linguagem nem mesmo Sousa da Silveira encontrou anacronismo, pois que você dela se apropriou com perfeita mestria, recriando a mais antiga expressão poética em nossa língua, ou melhor, naquele galego-português em que ainda não estava definido o limite entre as duas línguas futuras. Em epígrafe pôs os dois versos iniciais da Cantiga de D. Dinis em que o rei-trovador confessa o desejo de poetar “em maneira de proença”, a fim de louvar sua senhora e o faz totalmente, encarecendo-lhe as qualidades físicas e morais.

Relendo o seu “Cantar de Amor”, meu Amigo, tenho pena de que não tenha insistido no delicioso “fingimento” poético, recriando, em pleno século XX, poesia medieval em versos eneassílabos agudos, fazendo-se o trovador “cuitad’e sen cor,” insone por amor – “non dormyo á muy gran sazón” – desejando a morte, sentindo-se enlouquecer – “perç’o sen e perç’a razón” – e reiteradamente (no refrão) chamando por sua senhora: “Mya senhor, ay meu lum’e meu bem / Meu coração não sei o que ten.”

Do séc. XVII você cita Vieira e Bernardes; daquele, diz em 1956: “Homem prodigioso, realmente, esse Vieira!” (II, 472) e, lembrando a célebre frase de Castilho: “A Vieira se admira; a Bernardes admira-se e ama-se,” acrescenta: “Como se não fosse possível amar a Vieira.” Do século XVIII, conta que seu pai o fez decorar a *Cantata de Dido*, de Correia Garção, mas é Bocage que você admira, emparelhando-o aos maiores.

No século XIX você se encontra entre amigos mais numerosos: o Garrett de que já falamos, Herculano (a quem se refere mais pelo que disse de Gonçalves Dias, seu tão querido poeta, que o grande historiador e ficcionista admirava, julgando-o “muito superior aos seus contemporâneos portugueses,” e você gosta de o repetir mais de uma vez). Camilo lhe aparece em uma lista entre outros autores interessados em conhecer o “bardo maranhense” e que são Castilho, Pinheiro Chagas, Bulhão Pato, Inocêncio e Mendes Leal. Junqueiro também é citado, não pelo seu valor como poeta, mas como aquele que conviveu com o grande Silva Ramos, influenciou Antonio Nobre ou referiu-se elogiosamente a Antero de Quental. Em Castilho você vê com simpatia o autor do *Tratado de Metrificação Portuguesa* onde aprendeu coisas que depois, ao menos em parte, renegaria.

Eça de Queiroz ocorre muitas vezes a sua pena, algumas delas em referências admirativas a Antero, duas em confronto com este. Ouçamos o que você diz no Prefácio à sua edição dos *Sonetos Completos e Poemas Escolhidos* do grande poeta da geração de 70:

*Costuma-se apontar o Eça como o modernizador da prosa portuguesa. Basta, porém, a carta “Bom senso e Bom Gosto” para provar que, se houve uma reforma da prosa portuguesa, ela já estava evidente no famoso escrito de Antero.*

Duas páginas à frente, você fala da carta de Antero ao Marquês de Ávila e Bolama, qualificando-a de “obra-prima de sarcasmo” e, citando-lhe algumas linhas, conclui: “Temos aí, antes do Eça, tudo o que nos surpreende e fascina no Eça.” (PP, II, 1245)

Ora veja, meu caro Manuel: passou-se, quase sem o perceber, do Eça ao Antero, este, sim, uma de suas paixões literárias e, como não pode deixar de ser ao tratar-se do genial açoriano, uma sua grande afeição humana. Estou ao seu lado na admiração e no amor a ele devotados, mas discordo da posição em que põe o velho Eça. A prosa de Antero tem as qualidades que você lhe aponta, mas não são essas – ou não só essas – as que encontramos na prosa de Eça: a graça, a *souplesse* (para usar um galicismo que a ele agradaria), o colorido, a apreensão simultânea de coisas e sensações, a falsa simplicidade tão buscada são algumas das características que lhe podemos apontar, e que só esporadicamente caberiam no tom da prosa sobretudo séria e reflexiva de Antero.

Ainda no século XIX é Cesário Verde ou, como você diz lindamente, o “sempre / Verde Cesário.” Com ele, como com Camões e outros, você aprendeu “a não desdenhar das chamadas rimas pobres.” O que tem graça aqui é que os “outros” que atentamente estudou para chegar a tal conclusão eram não só Antonio Nobre e Eugênio de Castro, mas os parnasianos (lembra-se d’ *Os Sapos*, Manuel?) os parnasianos Alberto de Oliveira, Bilac, Raimundo Correia e Vicente de Carvalho. Assim como Alceu Amoroso Lima, em 1920, via influência de Cesário em sua poesia, meu amigo, você a via em Antonio Nobre, e, nos treze versos de seu poema *Improvisado*, em que glorifica catorze poetas portugueses, você coloca um ao lado do outro: “Glória ao sempre / Verde Cesário. Glória a Antonio / Nobre.”

De Cesário a Antonio Nobre chegou-se num deslizar em trilhos azeitados. E novamente o surpreendemos em flagrante preferência. Aqui há, para mais, uma identidade biográfica que aproxima Antonio de Manuel (dois nomes tão portugueses...): a mesma terrível tuberculose os leva, jovens e sós, a um mesmo tratamento em Clavadel, na Suíça.

Excelente conhecedor da obra de Nobre – prova-o o ensaio agudo e abrangente que lhe dedicou – você considera que “a última grande influência da poesia lusa no Brasil” foi a do autor do *Só*. Ao fim do ensaio, sintetiza este livro admirável de modo também admirável, ressaltando que nele se encontra a

[...] *frescura de sensações e de emoções, versatilidade surpreendente de ritmos, rica imaginação criadora de imagens, aquela funda comunhão com seres e coisas, certa mistura de inocência, capricho e fanfarronada, como nas crianças, a volúpia do sofrimento, a self-pity, o seu nacionalismo e religiosidade tão próximos do sentimento popular.* (AN)

Outro aspecto que o encanta em certos poetas, e em especial neste, é a “instabilidade rítmica,” a libertação do rigor métrico.

Antonio marcou-o fundo, Manuel. Por que você pôs à entrada do seu primeiro livro um poema intitulado *Epígrafe*, em que se autobiografa: origem, mau destino, solidão, poesia?

#### EPÍGRAFE

1917

*Sou bem nascido. Menino,  
Fui, como os demais, feliz.  
Depois, veio o mau destino  
E fez de mim o que quis.  
Veio o mau gênio da vida,  
Rompeu em meu coração,  
Levou tudo de vencida,  
Rugiu como um furacão,*

*Turbou, partiu, abateu,  
Queimou sem razão nem dó –  
Ah, que dor! Magoado e só,  
– Só! – meu coração ardeu:*

*Ardeu em gritos dementes  
Na sua paixão sombria...  
E dessas horas ardentes  
Ficou esta cinza fria*

*– Esta pouca cinza fria... (PP, I, 9)*

Escreveu esse belo e doloroso poema só porque ele expressava seu caso pessoal, ou também porque, um quarto de século antes, um outro poeta triste iniciara seu também primeiro livro com dois poemas chamados *Memória*, nos quais havia o mesmo tom de tristeza pungente e mais ou menos as mesmas etapas biográficas, derramadas em versos mais numerosos, mais do dobro dos seus? O seu “mau destino” era o “signo mofino” de Antonio; o *Só*, que você coloca entre travessões e atribui a seu coração, é o título do livro dele; a “cinza fria” de seus versos é “o livro mais triste que há em

Portugal.” Sua elocução, porém, é bem mais contida, menos narrativa, mais madura. Não muito duradoura mas profunda foi a presença de Antonio Nobre. Só a ele e a Camões você dedicou sonetos no seu primeiro livro, como que irmanando-os no papel que representavam em sua formação.

Da passagem do XIX para o XX você destaca Eugênio de Castro, que inclui entre os “poetas queridos e decorados em (sua) adolescência,” e situa também Camilo Pessanha naqueles catorze do poema *Improvisado*, onde ainda figura Teixeira de Pascoais.

Falta o século XX: nele, você aponta José Régio, “o grande poeta português vivo,” autor de “versos admiráveis,” “outra voz atual e extraordinária da poesia lusa,” mas, principalmente, insistentemente, Fernando Pessoa, “esse grande amigo de nós todos,” como você escreve. O verso “o poeta é um fingidor” o “persegue” e você nos informa que um outro poeta, o holandês Bertus Afjes, “exprimiou mais ou menos a mesma coisa neste comprimido de cinco palavras: “O poeta mente a verdade.” É boa esta forma sintética, mas permita que eu goste mais da sua própria forma desenvolvida de dizer:

*Sim, o poeta fala a verdade, isto é, não fala a aparente verdade; mente essa verdade de toda a gente para chegar à verdade que está dentro dessa verdade. (PP, II, 416)*

Ainda do século XX você menciona, mais ou menos de passagem, alguns outros autores. Alberto de Lacerda é um deles. Creio que foi ele quem lhe apresentou Jorge de Sena, pois você diz, apenas: “Dias depois de minha chegada à Inglaterra tive o raro prazer de estreitar nos braços, comovidamente, o Jorge de Sena.” Conhecia-o até aí apenas de nome e de obras, tendo declarado em sua crônica do dia 9 de outubro de 1957 a sua predileção por *O Indesejado* e *As evidências*, considerando-as obras-primas. Mas quero voltar a ouvi-lo nos dois parágrafos que dedica a este grande escritor, sintetizando-o:

*Esse engenheiro-poeta é um homem que tem a paixão da história... Mas de que é que ele não tem paixão? Música, artes plásticas, de tudo ele entende, tudo ele estuda, e, como tem uma memória de anjo, a sua conversa é repleta de sabedoria e informação.*

*Que sorte tê-lo por cicerone em duas ocasiões: visitando a National Portrait Gallery e a Abadia de Westminster! (PP, II, 578-9)*

Em 1968, no ano mesmo em que nos deixou, foram publicadas deliciosas crônicas suas, sob o título da primeira, *Colóquio Unilateralmente Sentimental*, bem diferente das outras, pois que é um diálogo entre um “eu” que, encontrando na rua uma formosa mulher, dirige-lhe galanteios a que ela, lisonjeada pelos elogios que ouve, vai respondendo, mas, à medida que os louvores passam a declaração de amor, diz-lhe, já aflita: “– Oh, não diga isso!,” acelerando o diálogo e provocando a pergunta do “eu”:

*Por quê? A senhora não acredita?*

*Não, não é isso!*

*A senhora ficaria zangada se eu lhe confessasse...que a amo?*

*Zangada não, mas...*

*Mas o quê? Diga, por favor!*

*É que eu sou noiva! (CUS, 11)*

Assim termina a crônica. Lembrei-a agora, ao encerrar este nosso “colóquio” não “unilateralmente sentimental:” colóquio, sim, pois foi a sua voz que se ouviu quando o citei; não unilateralmente sentimental, pois tenho a certeza de que, como eu, você nele participou com o velho carinho que se iniciou há cinqüenta e oito anos, na nossa Faculdade de de Filosofia, durante a representação do *Auto da Alma* de Gil Vicente, quando seus olhos se umedeceram ao ouvir os imortais versos vicentinos na voz do Anjo Custódio:<sup>6</sup>

*Alma humana, formada  
de nenhuma coisa feita,  
mui preciosa,  
de corrupção separada,  
e esmaltada  
naquela frágua perfeita,  
gloriosa;  
planta neste vale posta  
pera dar celestes flores  
olorosas,  
e pera serdes tresposta  
em a alta costa,  
onde se criam primores  
mais que rosas;*

*planta sois e caminheira,  
que, inda que estais, vos is  
donde viestes.  
Vossa pátria verdadeira  
é ser herdeira  
da glória que conseguis:  
andai prestes.  
Alma bem-aventurada,  
dos anjos tanto querida,  
não durmais;  
um ponto não esteis parada,  
que a jornada  
muito breve é fenecida,  
se atentais. (ATGV, p. 125-6, vv. 43-70)*

À distância de quase meio século estará você reconhecendo a voz do Anjo, Manuel? Parece-me ouvi-lo dizer que sim. E estou certa de que concorda mais uma vez comigo, afirmando que Mestre Gil é meu padrinho, pois foi por sua intercessão que entrei no magistério universitário e comecei a merecer a sua amizade. Por ela e pelas formas como a demonstrou, obrigada, Manuel, e até sempre.

Perdoai, caros leitores – poderei dizer “meus amigos,” agora que já se estabeleceu entre nós uma certa cumplicidade em relação ao poeta? Perdoai, repito, o tom desta minha fala. Não é talvez o que se esperava, mas posso afirmar que nela se patentearam, profundamente sinceros, dois olhares brasileiros sobre a Literatura Portuguesa: o de um grande poeta e o de uma professora e investigadora cuja grandeza única estará na devoção com que se entrega, há mais de meio século, à transmissão das culturas de expressão portuguesa e, mais especificamente, da Literatura Portuguesa.



## Notas

- <sup>1</sup> BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: *Jornal de Letras*, 1954 (IP).  
Todas as citações serão feitas por suas siglas.
- <sup>2</sup> BANDEIRA, Manuel. *Poesia e prosa*, 2 vol. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958, vol. II (PP, II).
- <sup>3</sup> BANDEIRA, Manuel. *Andorinha, andorinha*. Rio de Janeiro: Livr. José Olympio, 1966 (A A).
- <sup>4</sup> MIRANDA, Francisco de Sá de. *Poesias de...* ed. de Carolina Michaëlis de Vasconcellos.  
Halle: Max Niemeyer, 1885 (PSM).
- <sup>5</sup> BANDEIRA, Manuel. *Colóquio unilateralmente sentimental*. Rio/São Paulo, Record, 1968 (CUS).
- <sup>6</sup> BERARDINELLI, Cleonice (org.). *Antologia do teatro de Gil Vicente*, 3.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Instituto Nacional do Livro, 1984. (ATGV)